

## OSCAR MELLO ANTES DO *RECIFE SANGRENTO* (1917-1936)

Valeska Maria Ferreira da Silva<sup>1</sup>

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (PGH-UFRPE)

[valeskafferreira@gmail.com](mailto:valeskafferreira@gmail.com)

A presente comunicação tem como objetivo compreender o percurso realizado pelo funcionário público Oscar Felix de Mello, aliás, Oscar Mello, desde a sua incorporação na Diretoria de Viação e Obras Públicas até o desenvolvimento de uma das atividades que lhe garantirá bastante notoriedade no cenário social pernambucano em geral, e recifense em particular, ao se tornar um reconhecido repórter criminal. É importante mencionar que Oscar Mello é o autor da obra intitulada *Recife Sangrento: Crimes Sensacionaes do Recife Antigo*, que ganhará nada menos nada mais que quatro edições entre 1937 e 1956. Este livro que pode ser compreendido dentro do que hoje se convencionou chamar literatura de crime acabou deixando uma marca indelével no imaginário local acerca de alguns crimes ocorridos no Recife entre finais do século XIX e princípios do XX, a tal ponto de ter inspirado, ainda no final da década de 1970, a produção de matérias especiais sobre os citados casos de crimes narrados por Mello, escritos pelo jornalista Severino Barbosa e publicadas no *Diário de Pernambuco*, com direito a ilustrações em preto e branco. Entender, portanto, quem foi Oscar Mello e como ele se tornou um repórter de crime, ajudará a compreender posteriormente porque ele se dedicou a escrever um livro como o *Recife Sangrento* e porque essa obra ganhou tanta notoriedade.

**Palavras-chave:** Oscar Mello; Repórter Criminal; Recife Sangrento; História Cultural.

<sup>1</sup>Bolsista pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco, FACEPE.

Nascido em 29 de maio de 1896, na cidade do Recife, Oscar Felix de Mello, filho mais novo de Francisco Felix de Mello e Olympia Francisca de Mello, estudou no Colégio ‘Gynasio Pernambucano’, sempre com boas notas<sup>2</sup>, Mello desde cedo demonstrou interesse pela escrita e pela leitura, já aos 15 anos, presidiu sessões do Centro Literário Maciel Monteiro, que era sempre noticiado nos jornais da época, nas sessões sobre “Vida Social”. Aos 16 anos participou da primeira reunião dos auxiliares de imprensa do Recife, como mostrará imagem 1.

**Imagem 1: Nota do Jornal Pequeno de 1912.**



Fonte: Jornal Pequeno, Recife, 15 de julho de 1912, pg. 4, ed.160

**Imagem 2: Nota do Jornal Pequeno de 1917.**



<sup>2</sup> Segundo notas do jornal *Diario de Pernambuco*, intitulado “ENSINO PÚBLICO”, onde publicavam os graus alcançados nos exames realizados no dia anterior. *Diario de Pernambuco*, 6 de novembro de 1910.

Fonte: Jornal Pequeno, Recife, 16 de Abril de 1917, pg. 3, ed.86

Aos 20 anos, no mesmo ano em que entrou para diretoria de viação e obras públicas, Oscar Mello assina petição requerendo caderneta de identidade<sup>3</sup> para facilitar o exercício de sua profissão. Em 1917, aos 21 anos, entra na Diretoria de Viação de Obras Públicas, onde lá trabalhou por 49 anos até se aposentar. Mesmo sendo funcionário público, Oscar Mello, ainda no ano de 1917 também trabalhou com repórter criminal do jornal ‘A Província’, tendo também posteriormente trabalhado com a mesma função nos jornais ‘Diario da Manhã’ e ‘Jornal Pequeno’. Assim Mello se torna um jornalista profissional, ganhando fama com seus noticiários policiais. E através de suas notas de investigação, lançou em 1937 a primeira edição do livro ‘*Recife Sangrento*’, a obra causou grande impacto e prendeu a atenção da população da época, fazendo com em apenas quinze dias ocorresse o esgotamento do primeiro milheiro de exemplares<sup>4</sup>. Diante da boa recepção de sua obra, Oscar Mello ainda em 1937, produziu uma segunda edição, mas que foi publicada em 1938.

O recorte temporal deste trabalho corresponde ao período em que o Oscar Mello entra para a Diretoria de Viação e Obras Públicas como funcionário público até o ano anterior da publicação da primeira edição do Recife Sangrento, que foi também um dos fatores que mantém Mello nas manchetes dos jornais. Oscar Mello, sempre relacionado com pessoas influentes, era correntemente mencionado em encontros da sociedade recifense da época, era também membro do conhecido clube carnavalesco ‘Dragões de Momo’, entrando em 1932 para a diretoria do “Clube de Alegorias e Críticas Dragões de Momo” como 2º secretário<sup>5</sup>. Confirmando, que Mello circulava com desenvoltura entre a intelectualidade recifense e pernambucana, participando desde muito jovem de clube literários, carnavalescos tendo trabalhado nos melhores jornais de sua época. E no tocante a seu percurso na diretoria de Viação e obras Públicas, pouco se sabe, mas graças ao jornalista do ‘Diario de Pernambuco’ Severino Barbosa, que em uma de suas notas para o jornal sobre Oscar Mello, refere-se se a ele como “funcionário público dos mais autênticos”.

---

<sup>3</sup> A “Caderneta de Identificação” serviria para facilitar o acesso aos locais de ocorrências, pois como os repórteres se denominavam como “auxiliares indiretos da polícia” servindo a causa pública.

<sup>4</sup> *Jornal Pequeno*, 07 de abril de 1937. p.1

<sup>5</sup> *Diario de Pernambuco*, 12 de março de 1932, pag.4, ed.56.

Quanto ao livro *Recife Sangrento*, o reporte criminal Oscar Mello, publicou em 1937 sua primeira edição, com o subtítulo, “Crimes Sensacionais do Recife Antigo, e seus protagonistas, antigas autoridades, notas de um antigo “repórter” – Dialeto dos Gatunos”. Tendo o livro uma grande repercussão, ainda no mesmo ano o autor produziu sua segunda edição publicada no ano seguinte, em 1938, na segunda edição Mello introduziu novos crimes, alcançando um número de quarenta casos, aproximadamente, incluindo um capítulo, exclusivo sobre a “Campanha Dantista de 1911”, segundo matéria já mencionada do *Jornal Pequeno*. Todas as edições tiveram acréscimos e supressões, como a terceira edição de 1953, que ganhou quatorze novos capítulos, e a quarta e última, de 1956, com 22 capítulos e as últimas modificações das “Gírias dos Gatunos”. Abaixo, temos imagens das capas do Recife Sangrento, 1ª, 3ª e 4ª edição, respectivamente:

**Imagem 3: Capas do Recife Sangrento**



Fonte: Seção de Obras Raras da Biblioteca Pública de Pernambuco. MELLO, Oscar. *Recife Sangrento*, Recife, ed.1937, 1953, 1956

Vale acrescentar que nessa mesma reportagem se informou que Mello havia historiado “factos ligados á vida policial da nossa cidade nos últimos cincoenta annos. Invocando ainda personalidades de antigas autoridades policiaes, malandros, valentes, etc, etc.”, ou seja, remontando-se aos grandes crimes e criminosos célebres do final do século XIX. O livro *Recife Sangrento* e suas sucessivas edições, foram produzidos

dentro de um recorte que se remontaria ao início do Estado Novo e findaria no início do governo de Juscelino Kubitschek, configurando um período de grandes mudanças políticas, econômicas e sociais que marcariam singularmente a cultura brasileira, em geral, e a pernambucana em particular, mas que, apesar disso, também guardaria permanências ainda do século XIX e início do XX, tal como o consumo da “literatura de crime”, certamente aumentado com a proliferação de jornais e o barateamento das publicações conforme se experienciavam avanços técnicos tipográficos. É nesse sentido que a obra de Mello se conecta com uma longa tradição de consumo de uma “literatura de crime”, ajudando a produzir os próprios objetos de sua história e o imaginário dos “Bas-fonds” recifenses, por parafrasear o título de Dominique Kalifa (2017).

No Recife, a princípios do século XX, parecia haver um entendimento compartilhado de que a cidade havia alcançado um alto índice de criminalidade que a tornava uma cidade insegura. O crime e os criminosos ocupavam as páginas dos jornais e alimentavam um discurso e um mercado sensacionalista que consumia *fait divers* desde há bastante tempo. Por *fait divers* (em francês), nos referimos “à seção no jornal em que são narrados fatos cotidianos, apenas com expressão local, dizendo respeito sobretudo a crimes, acidentes, etc.” (MOLLIER, 2008, p. 181). O que justifica a tendenciosa escolha de Oscar Mello para a produção da obra.

Jornais, folhetins, livros... traduziam medos e seduziam leitores ávidos pelas notícias do cotidiano, mas ajudavam também a construir esses mesmos objetos sociais, como a ideia de crime e de criminoso e suas representações. Como observou Dominique Kalifa para a França da Belle Époque (2019):

“O *fait divers* e a narrativa policial de larga difusão possuem uma função social bem precisa. Produzem memória, fornecem pontos de orientação, oferecem material para discussão, para troca, a populações aparentemente desenraizadas, vindas das províncias, produtos do êxodo rural, arriscadas a perder toda a identidade na grande cidade onde procuram trabalho. Pela leitura cotidiana do *fait divers* e dos romances de investigação, elas não apenas apagam ficticiamente suas individualidades e, momentaneamente, suas diferenças, mas encontram uma nova identidade ao se integrar à nação, a seus medos e a seus fantasmas” (MOLLIER, 2008, p. 189-190).

Em nota para o jornal Diário de Pernambuco, o jornalista Severino Barbosa, faz uma matéria com teor de homenagem ao Oscar Mello, na sessão “RETRATO DA CIDADE”, falando sobre a trajetória de Mello, desde sua entrada na Diretoria de Viação e Obras Públicas à sua saída, 49 anos depois, recebendo homenagens dos chefes e auxiliares do Departamento de Estradas e Rodagem, reconhecido como velho amigo e companheiro, Mello se aposenta sob muitas felicitações. Tendo também uma marcante trajetória como jornalista, Mello é lembrado pela sua obra mais popular, *Recife Sangrento*, que faz jus a sua popularidade, mesmo já tendo todas edições publicadas ainda se mantem nas páginas dos jornais. O jornalista Severino Barbosa também é autor das publicações referente ao *Recife Sangrento*, na sessão de “Fatos e Figuras do Recife Antigo”, onde traz o destaque de uma página inteira sobre figuras marcantes do Recife Sangrento, como o “Nascimento Grande”, um dos “antigos valentes do Recife”, ou como diz a matéria, “O Rei dos Valentões”.

**Imagem 4: Fatos e Figuras do Recife Antigo (parte 1)**



“... Eu tinha ouvido falar no facinora, terror da cidade e arredores, que estava sendo procurado pela polícia segundo uns e, segundo outros, protegido por ela. Achava-se foragido — diziam — no Sertão, em Alagoas ou na Paraíba. Tudo me poderia ter passado pela cabeça naquele instante, menos que aquele indivíduo ali na minha frente na praça deserta e na noite escura fosse o famoso bandido cujo nome, só, fazia tremer o povo. Mas era. Era Nascimento Grande. E ele o confirmou.



dentro de mim, como num espelho, um fulminante golpe de luz: o homem era Nascimento Grande... Era NASCIMENTO GRANDE!

— “Menino, você não tem medo não?”

Virei as costas sem responder e desabaquei a correr. Cheguei ao DIÁRIO com a língua de fora num fôlego encurtado. Não mencionei o encontro. Espasei as minhas caminhadas noturnas e nas que ainda fiz tomei outras ruas.



Gilberto Amado — MINHA FORMAÇÃO NO RECIFE

Então produziu-se o inesperado. Relampejou

## Fatos e figuras do Recife Antigo - I

Uma das características marcantes, embora deprimentes, dos princípios deste século no Recife, era a impunidade que gozavam os protegidos dos chefões políticos da época. Os que agrediam, espancavam, feriam e até matavam, não sofrendo pelos seus crimes, que eram muitos, um padre-nosso de penitência, isto porque sobre eles desciam as bênçãos acobertadoras dos mandões e todo-poderosos daquele tempo.

Contra esses valentões, que che-

garam a ganhar fama e até se imortalizaram na pena de escritores renomados como Eustórgio Wanderley, Gilberto Freyre, Mauro Mota, Luiz da Câmara Cascudo, Gilberto Amado e o nosso sempre estimado Oscar Melo, não se levantavam os temíveis “rabo de galo” da nossa milícia e nada valiam, as amedrontadoras “posturas” das mais legítimas autoridades competentes de então.

No seu “Recife Sangrento”, Oscar Melo aponta o nome de de-

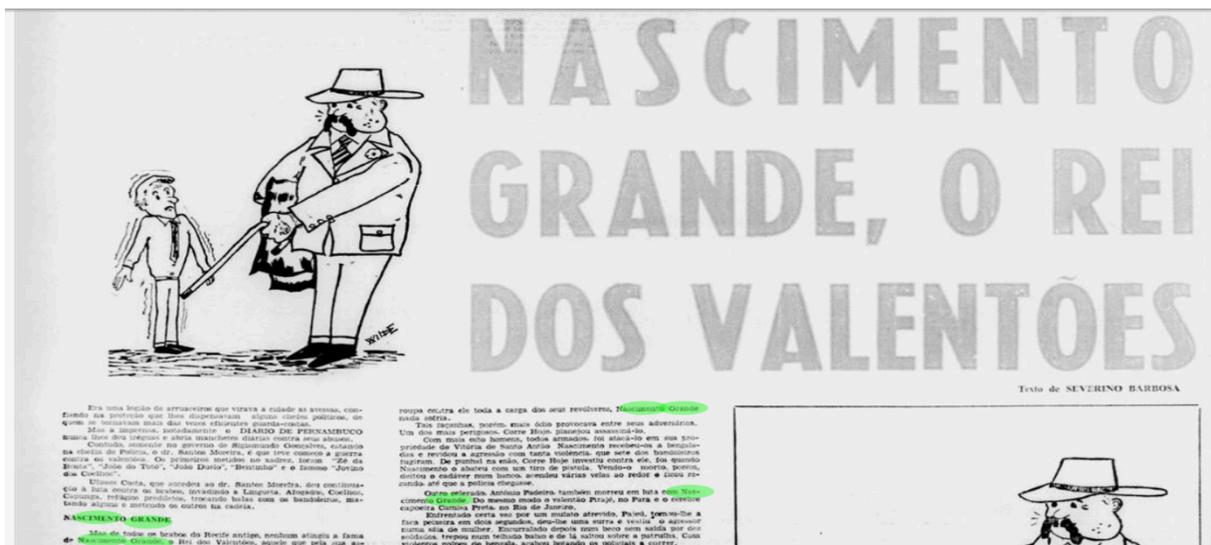
zenas de brabos que tumultuavam a cidade naqueles dias, que apavoravam a população pacata dos nossos subúrbios, destacando:

“João Meira”, “Alonso Preto”, “João Negrinho”, “Menino Gêmeo”, “Artur Barbeiro”, “Abdon Marchante”, “João Sabe-Tudo”, “Manuel da Jacinta”, “Santos Fimbo”, “Juvino dos Coelhos”, “Zome de Santo Amaro”, “Nicolau do Poço da Panela”, “Neco Torres”, “João Valdevino”, “José Cândido Araújo”, “João

Duelo”, “Chizo Cândido”, “Marcelino da Raa da Jangada”, “Amaro Preto”, “Lilânio Carroceiro”, “Junião Abacaxi”, “Manoel Coxê”, “Adama”, “Manoel Cuca”, “Apolônio da Capunga”, “Artur Jararaca”, “Manuel Roxinho”, “Antônio Padeiro”, “Corre Hoje”, “Caboclo da Mamarana”, “José Grande da Aldeia”, “José Pequeno”, “Antônio Quatorze”, “Sete Bão”, “Betinho”, “Machadinho”, “Sargento Vigário”, “José Bala”, “Perneta” e “José dos Coqueiros”.

Fonte: Diário de Pernambuco, Recife, 6 de jan. de 1974, pg. 12, ed. 05. Parte 1

### Imagem 5: Fatos e Figuras do Recife Antigo (parte 2)



Fonte: Diário de Pernambuco, Recife, 6 de jan. de 1974, pg. 12, ed. 05. Parte 2

Em 1973, Severino Barbosa, entrevista Oscar Mello para o *Diário de Pernambuco*, a conversa é curta, mas intimista, ou a menos se tornou, pois apesar de ser um jornalista reconhecido, Mello manteve sua vida pessoal bem reservada. Na entrevista, Barbosa diz que no prefácio do livro *Recife Sangrento*, escrito pelo advogado criminalista José de Brito Alves, que

Oscar Mello nem era criminólogo, nem jamais tivera a veleidade de “dissertar a respeito da análise, “in loco”, do fenômeno criminal”, ele apenas reportava no livro o repórter, narrador fiel dos fatos esquecidos. Assim fazendo, restabelecia os fatos a luz do seu conhecimento profissional, além de reaviva-los na memória dos futuros leitores. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 13/02/1973, p.4).

Nesta mesma entrevista Oscar Mello afirma que pretendia lançar um novo livro e que estava na construção de seu último capítulo, dessa vez sobre o Governo do Dr. Manoel Borba, até o momento nada sobre o mesmo foi verificado. Em seguida Barbosa lhe sugeriu que tirasse uma nova edição do *Recife Sangrento*, pois ele “não tratava exclusivamente de crimes e seus executores. Nele aparecem ‘bedegüebas’ da administração, políticos proeminentes e tipos populares. A nova edição, seria bem recebida, tenho certeza.”.

Oscar Felix de Mello, escritor, repórter, funcionário público aposentado, pessoa bastante relacionada na cidade do Recife, faleceu em 18 de agosto de 1979, aos 83 anos, casado com Maria Alves de Mello, deixou 7 filhos e netos. Sua obra hoje tem alto valor

monetário de comercialização e se encontra raramente nos setores de obras raras de bibliotecas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU E LIMA, M. S. de. *Revisitando o campo: lutas, organização, contradições – Pernambuco – 1962-1987*. Tese de doutorado em História. UFPE, Recife: 2003.

ARAÚJO, G. de. *Capoeiras e valentões do Recife*. Revista do IAHGPE, vol. XL, nº 145, 1946.

ARRAIS, Raimundo Pereira de Alencar. *Recife: Culturas, Confrontos, Identidades*. A Participação das Camadas Urbanas na Campanha Salvacionista de 1911. Recife, 1995, UFPE. (dissertação)

BARROSO, G. *Crescimento urbano, marginalidade e criminalidade: o caso do Recife – 1880 a 1940*. (dissertação) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 1985.

BESSONE, Tania. *A História do livro e da leitura: novas abordagens*. *Floema*, Ano III, nº 5 A. 2009. p. 97-111.

BRETAS, Marcos Luiz. Entre Crimes e Leis: Imaginação e a história brasileira do crime. In: VENDRAME, Máira Ines; MAUCH, Cláudia; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Orgs.) *Crime e Justiça: Reflexões, fontes e possibilidades de pesquisa*. São Leopoldo: OIKOS; Editora Unissinos, 2018. p. 13-32.

CABRERA, Miguel Ángel. *Historia, lenguaje y teoría de la sociedad*. 1º ed. Madrid: Catedra, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos Caminhos da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2ª. ed. Miraflores: Portugal, 2002.

CHARTIER, Roger. *O Mundo como Representação. Estudos Avançados*. São Paulo, V.5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

FERLA, Luis. *Feios, sujos e malvados sob medida. A utopia médica do bio determinismo, São Paulo(1920/1945)*. São Paulo: Alameda, 2009.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2ª ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto 2012. p. 61 a 88.

FERREIRA, Ascenso. *Os "brabos do Recife"*. Recife, Boletim da cidade e do porto do Recife, nº 5-6, 1942.

FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. 1934.

GINZBURG, Carlo. *El queso y los gusanos: El cosmos según un molinero del siglo XVI*. Barcelona: Peninsula | HCS, 2001.

GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaios sobre a representação do outro*. 2º ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

KALIFA, Dominique. *OS BAS-FOND: História de um Imaginário*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

KALIFA, Dominique. *A Tinta e o Sangue: narrativas sobre crimes e a sociedade da Belle Époque*. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

[LIMA, Ivaldo Marciano de França](#). *Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República*. Cadernos de Estudos Sociais (FUNDAJ), v. 22, p. 49-61, 2006.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: Ensaio sobre a história cultural*. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

NASCIMENTO, Luiz do. *Historia da Imprensa em Pernambuco*. Vol. I. 2ª. ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco: Imprensa Universitária, 1968.

NASCIMENTO, Luiz do. *Historia da Imprensa em Pernambuco*. Vol. V. Recife: Universidade Federal de Pernambuco: Imprensa Universitária, 1970.

[OZANAM, Israel](#). *Eu vou-me embora porque Apolônio da Capunga já anda na Boa Vista querendo prender gente?: capoeira e polícia no Recife no início da República*. In: XXVI SNH, 2011, São Paulo. Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

[OZANAM, Israel](#). *Brabos ou capoeiras? Repensando a repressão republicana no Recife*. Revista Tempo Histórico, v. 2, p. 01-17, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (Orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PORTO, Ana Gomes. *Confeccionando ficções criminais: os arquivos e a literatura do Crime*. História Social, nº 22 e 23, 2012. p. 143-163.

REZENDE, Antonio Paulo. *(DES)encantos Modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte*. 2º ed. Recife: Ed. UFPE, 2016.

SILVA FILHO, Aluizio Medeiros da. *Cotidiano violento no Recife: controle social na redemocratização (1946-1964)*. (doutorado), UFPE, 2014.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *As cidades enquanto palco da modernidade. O Recife de princípios do século*. 1995. 193 f. (Dissertação) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas- Universidade Federal de Pernambuco/Recife.

VENDRAME, Maíra Ines; MAUCH, Cláudia; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Orgs.) *Crime e Justiça: Reflexões, fontes e possibilidades de pesquisa*. São Leopoldo: OIKOS; Editora Unissinos, 2018.